



Universidade Técnica de Lisboa  
Faculdade de Motricidade Humana



## **Relatório Final de Estágio realizado na Escola Básica Integrada com Jardim de Infância D. Carlos I no ano lectivo 2009/2010**

Relatório Apresentado para Obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador da Faculdade de Motricidade Humana: Luís Cravo da Silva

Orientador da Escola Básica Integrada com Jardim de Infância D. Carlos I: Doroteia Luís

Júri:

Presidente

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor assistente da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais

Mestre Luís Manuel Costa Cravo da Silva, professor assistente convidado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Mestre Doroteia Chadwich Luis, docente da Escola Básica Integrada com Jardim de Infância D. Carlos I de Sintra

Vítor Hugo Urze Costa

2011

## Índice

Introdução .....	5
Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem .....	6
PLANEAMENTO .....	7
AVALIAÇÃO .....	12
CONDUÇÃO .....	15
Área 2 – Investigação e Inovação Pedagógica .....	23
Área 3 – Participação na Escola .....	28
Área 4 – Relações com a Comunidade .....	33
Conclusão .....	39
Referências Bibliográficas .....	40
Anexos .....	41

## Resumo

Após terminado o estágio na escola, que se traduz no culminar da formação académica na área da educação, surge a fase de uma análise reflexiva de todo este período de tempo que se tornaria uma experiência intensa e recompensadora para o professor estagiário.

Foram desenvolvidas todas as tarefas previstas no guia de estágio, seguindo sempre as indicações do mesmo segundo as diferentes áreas de intervenção. Durante este percurso surgiram dificuldades, para as quais foi necessário criar soluções para as resolver, foram identificados pontos fortes e pontos fracos os quais as características pessoais podem influenciar.

A participação na escola como professor não se prendeu exclusivamente à sala de aula, pois surgiram actividades de desporto escolar, actividade interna de Educação Física, entre outras. Foi elaborado e apresentado um estudo relacionado com a indisciplina relativo à escola em questão. E elaborou-se também uma actividade de relação com a comunidade, aproveitando o espaço geográfico próximo e envolvendo vários níveis escolares culminando com a satisfação geral.

A análise destas actividades foca-se nas decisões para problemas que surgiram, para os quais se criaram várias opções para encontrar uma solução, e o seu resultado serve de guia para uma intervenção futura.

## Palavras-Chave

Estágio

Pedagogia

Didáctica

Ensino

Aprendizagem

## **Abstract**

After the conclusion of the Traineeship in school context, which represents the culminating of the academic formation in the area of education and an intense and rewarding experience for the probationary teacher, a reflexive analysis of this period becomes necessary.

The tasks foreseen in the Traineeship Guide have all been pursued, following always the indications of the same guide according to the different areas of intervention. During this path difficulties have appeared, and strengths and weaknesses have been identified which can be influenced by the personal characteristics and it was necessary to create solutions to resolve them.

The participation at school as a Teacher was not restrained exclusively to the Physical Education classroom, therefore several activities such as school sports, traditional games among others, made a contribution to enrich the trainee's formation. A study related with the perceptions of pupils classroom behavior was elaborated and presented to the community. The organization of an activity aiming the relationship with the school community and using the advantage the nearby geographic natural environment, promoted the participation of various school levels.

The reflexive analysis of these activities focused at the choice of "decision making" for problem solving and it's outcome, will assume a guidance line for future intervention.

## **Keywords**

Traineeship

Pedagogy

Didactics

Teaching

Learning

## Introdução

No ano de estágio o professor estagiário, além de cumprir com todos os deveres para com escola, também cumpre uma etapa muito importante na sua própria formação. Durante o ano lectivo, ao cumprir com as tarefas orientadas pelos professores orientadores, o estagiário deverá adquirir e desenvolver as competências definidas no guia de estágio.

No final deste processo de formação "no terreno" deverá ser realizada a fase de análise e reflexão através do relatório final de estágio, o qual deverá conter a informação mais relevante sobre todo o percurso efectuado pelo professor estagiário e a concretização dos objectivos de formação previstos.

Este relatório está organizado, à semelhança do guia de estágio, em quatro áreas de formação. Em cada área serão referidas todas as competências, as dificuldades e estratégias de resolução adoptadas. Será realizada também uma breve contextualização para orientar as opções e decisões efectuadas durante o ano lectivo. Esta estrutura de organização, para além de respeitar as directrizes do guia de estágio, tem o objectivo de proporcionar uma maior liberdade em explorar cada competência e possibilitar as suas inter-relações na linha de raciocínio do estagiário.

Está contida no final uma conclusão que apresenta uma reflexão final sobre todo o processo de estágio. Também são mencionadas as impressões finais de toda esta formação, os pontos a reforçar num futuro próximo e as mais-valias retiradas deste período de tempo, que no seu conjunto contribuem para esta introdução ao mundo profissional da docência.

### **Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem**

A escola D. Carlos I é uma escola básica que possui um nível de ensino até ao 9º ano de escolaridade. Acrescentando ao 2º e 3º ciclos completos a escola possui ainda jardim-de-infância, 1º ciclo e cursos de educação e formação (CEF) de equivalência ao 9º ano.

O grupo de Educação Física está inserido no Departamento de Artes e Expressões, sendo por isso considerado o Sub-Departamento de Educação Física (SDEF). No entanto revela-se bastante independente no que respeita a tomada de decisões e iniciativas, funcionando praticamente como um departamento independente. Este SDEF tem formas muito próprias de trabalhar, pois organiza várias actividades ao longo do ano, algumas integradas também com a ADESintra (Associação Desportiva Escolar de Sintra), sendo o calendário destas actividades considerado quando cada professor planeia para as suas turmas, procurando assim envolver mais os alunos com as matérias a abordar.

Para a prática de Educação Física e Desporto Escolar a escola possui 3 espaços, o ginásio, o pavilhão e o exterior. Este último é o maior espaço e permite a realização de quase todas as matérias excepto ginástica. O pavilhão apresenta-se bastante polivalente, apesar de ser um pouco limitado em termos de espaço. O ginásio para além de dirigido para as actividades gímnicas, é o único espaço que permite a realização de salto em altura (atletismo) e desportos de combate. Relativamente ao material a escola encontra-se bem equipada contendo todos os equipamentos para a prática das várias matérias, incluindo matérias alternativas. As instalações são usadas também pelo 1º ciclo para as actividades de extensão curricular (AECs - Actividade Física e Desportiva) que decorrem durante a tarde. As turmas do 3º ciclo têm prioridade na utilização do espaço, o que significa que o professor pode trocar de espaço caso haja necessidade.

Este ano lectivo houve uma alteração nos horários da escola, passando de turno único a turno duplo, ficando as turmas do 3º ciclo com a grande maioria das aulas da parte da tarde. O núcleo de estágio ficou com a grande maioria do horário de tarde ao último tempo/bloco. No meu caso específico foi-me atribuído um horário com uma aula ao final do dia e outra ao início do dia, facto que me permitiu constatar a diferença de comportamento da turma relativamente aos dois dias semana, pois ao último tempo

verifica-se um aumento de agitação dos alunos e uma diminuição na sua capacidade de concentração, reflectindo-se assim em aulas menos proveitosas.

A rotatividade dos espaços está organizada de modo a que os 3 tempos lectivos (1 (45') + 2 (90')) passem por todos os 3 espaços num período de 3 semanas alternadamente. Por exemplo: aula de 45' no ginásio; aula de 90' no exterior; aula de 45' no pavilhão; aula de 90' no ginásio e assim sucessivamente. Este esquema de rotação permite uma distribuição equilibrada dos espaços e matérias ao longo do tempo, indo deste modo de encontro aos critérios definidos no PNEF (Programa Nacional de Educação Física), quer pela carga horária da disciplina em dias não consecutivos, quer pela dimensão eclética que permite.

A turma que me foi atribuída, o 8ºF, é uma turma composta inteiramente por rapazes dos 12 aos 15 anos de idade. A turma inicialmente constituída por 20 alunos (reduziu para 18 até ao final do ano) continha 5 alunos novos na turma, sendo 3 deles novos na escola, e 4 destes novos alunos eram repetentes do 8º ano. Esta turma tinha sido leccionada pela professora orientadora de escola no ano lectivo passado o que facilitou algumas fases do planeamento, nomeadamente durante o período de avaliação inicial, uma vez que tive acesso aos dados da turma do ano transacto.

A turma mostrou ter uma boa motivação para a prática da Educação Física, excepto numa ou noutra matéria. O nível geral da turma acabou por ser satisfatório apesar de existirem dois ou três casos de alunos com mais dificuldades. A turma revelou ser relativamente homogénea, sendo por isso dividida em dois grandes grupos de nível como será abordado mais à frente.

### **PLANEAMENTO**

Para dar início ao planeamento do ano lectivo a primeira tarefa do núcleo de estágio foi analisar o Protocolo de Avaliação Inicial (P.A.I.) do SDEF. Demonstrou ser um instrumento muito útil na primeira fase de planeamento, a avaliação inicial, pois permite estabelecer critérios entre os vários professores, garantindo que as apreciações são realizadas de modo idêntico. O núcleo reviu o P.A.I. e propôs algumas alterações em reunião de sub-departamento, que foram aceites pelo resto do grupo de Educação Física.

## Relatório Final de Estágio

---

Escola BI c/ JI D. Carlos I

As referidas alterações consistiram em clarificar algumas definições, como por exemplo o método de avaliação. Bem como a alteração de alguns exercícios, como a substituição do pino de cabeça pelo apoio facial invertido, já que o pino de cabeça não se encontra referido no PNEF para o 3º ciclo.

Este P.A.I. revelou-se muito importante para o planeamento da etapa de Avaliação Inicial, pois existia alguma dúvida em como planear, que matérias abordar, que exercícios aplicar, entre outros. Assim nas aulas foram aplicados os exercícios propostos no protocolo de avaliação inicial, com poucas alterações aos mesmos. Desde logo estas aulas adoptaram o esquema de funcionamento desenvolvido no restante ano lectivo, o que está de acordo com o protocolo, uma vez que este nos indica que as aulas deverão ser encaradas como uma situação normal de aprendizagem.

O planeamento da etapa de avaliação inicial foi então elaborado sem problemas de maior, contendo todas as matérias previstas e o objectivo de as distribuir pelas aulas disponíveis foi alcançado, utilizando para este efeito o planeamento de unidades de ensino (UEs) segundo o espaço, decisão que penso ter facilitado o processo. Para realizar este planeamento (segundo o espaço) foi necessário efectuar a caracterização dos espaços da escola. O que me permitiu conhecer o material e perceber a polivalência de cada espaço, podendo desta forma distribuir, as várias matérias a abordar, da melhor maneira possível.

Durante a fase de planeamento o facto de o núcleo de estágio ter partilhado problemas e soluções contribuiu bastante para o sucesso nesta fase inicial da nossa intervenção. O que aponto como menos positivo foi a falta de definir melhor “o que” avaliar e “quando” avaliar ao longo das unidades de ensino, pois tive de reformular a etapa (A.I.) e acrescentar uma unidade de ensino (U.E. 4) para concluir as observações. Assim penso que o sucesso desta avaliação passará por simplificar o método de registo e sequenciar as observações ao longo das unidades de ensino.

Os resultados do relatório da Avaliação Inicial revelaram-se extremamente úteis para elaborar o Plano Anual de Turma, documento base de todo o ano lectivo, pois continha os resultados sobre a prestação diferenciada dos alunos, informação indispensável para as respectivas adaptações de aprendizagem necessárias para cada grupo de alunos. Uma das maiores dificuldades sentidas neste momento foi a distribuição das matérias ao longo do espaço temporal, distribuição esta que foi sempre sendo aferida ao longo do ano lectivo. Penso que se trata de uma dificuldade normal, dada a minha inexperiência como



professor e julgo que para o ano lectivo seguinte em actividade, a passagem por esta situação me permitirá realizar um planeamento anual mais facilmente.

Como matéria alternativa optei pelos desportos de combate, mais especificamente pelo Judo. Esta decisão pesou pelo facto deste tipo de desporto não ter sido abordado na turma anteriormente e, como se trata de uma turma constituída exclusivamente por rapazes, os alunos demonstraram bastante interesse na modalidade. Assim foi-me permitido utilizar as minhas características pessoais aproveitando os aspectos fortes, pois sou praticante desta modalidade, o que contribuiu para a melhor selecção e transmissão adequada de conteúdos.

Outra opção diferente do habitual foi a abordagem da dança nesta turma. Como se trata de uma turma inteiramente constituída por rapazes, a motivação para a dança era muito pouca, prevendo-se uma matéria de difícil abordagem. A solução encontrada foi juntar duas turmas para criar um ambiente mais próximo do contexto e subir o nível de motivação. A turma da minha colega de estágio que era composta por uma grande maioria de raparigas (9ºB), o que a tornava na turma perfeita para juntar ao 8ºF e abordar as danças sociais, que neste caso específico seria a Rumba Quadrada. Para se poder conjugar as duas turmas numa sessão conjunta, foi necessário assegurar a compatibilidade horária e efectuar os respectivos procedimentos legais, tais como a permuta horária com outra disciplina, respectiva autorização da Direcção, informação aos encarregados de educação, entre outros. Deste modo foram planeadas duas aulas conjuntas. Apesar de no momento haver alguma resistência à prática da dança por alguns alunos, o resultado acabou por ser bastante satisfatório, pois os alunos que participaram tiraram proveito e o objectivo de aproximação ao contexto social da dança foi cumprido.

Um obstáculo que surgiu no decorrer das etapas foi a questão do espaço exterior estar condicionado pelas condições climatéricas. E este ano lectivo apresentou uns períodos de chuva pouco habituais que "incomodaram" pelo excesso. Durante as Quintas-Feiras, no período da manhã, dado que os 3 espaços disponíveis estariam ocupados, as soluções possíveis em caso de chuva, que foram sugeridas pela orientadora de escola no início do ano lectivo, passaram pelo recurso à sala teórica e à sala de ténis de mesa. Mas durante as Terças-Feiras como os restantes espaços estavam livres optei por adaptar as aulas de exterior para o pavilhão.

Para além de utilizar esta opção para os dias de chuva, revolvi também recorrer ao pavilhão nos restantes dias durante o final da 1ª etapa e início da 2ª etapa. O motivo desta decisão assenta no facto de ao final do dia não existir condições de visibilidade para realizar a sessão, impostas pela fraca luz natural presente naquela hora. Como esta situação de troca de espaço (exterior pelo pavilhão) se tornou relativamente sistemática, a alteração foi contemplada no planeamento e os alunos informados da alteração permanente para aquele período de tempo.

No que respeita a Unidades de Ensino, à semelhança da etapa de Avaliação Inicial, optei por realizá-las segundo o espaço, já que facilitava a organização das matérias. Assim cada matéria era realizada sempre no mesmo espaço, o que provoca um esquema de organização mental nos alunos, que por sua vez ajuda na criação de rotinas de funcionamento de aula. Como este esquema de organização revelou sucesso, decidi continuar a utilizá-lo até ao final do ano lectivo. No entanto formulei algumas mudanças ao longo do ano, como por exemplo retirar o basquetebol das unidades de ensino de exterior e introduzi-lo nas unidades de ensino de pavilhão, no sentido de ir de encontro às preferências dos alunos, já que revelaram maior gosto pela prática de basquetebol no pavilhão do que no exterior, promovendo assim uma maior motivação dos alunos nas aulas e consequentemente um melhor clima de aula.

No início as Unidades de Ensino possuíam um grande número de aulas (cada unidade), entre 7 a 8, pelo que optei por reduzir o número de aulas por unidade de ensino na etapa seguinte, passando para 4 a 6 aulas por unidade. Esta alteração permitiu uma maior adaptação de objectivos à evolução dos alunos e maior variedade de exercícios ao longo da etapa. Esta decisão alcançou resultados positivos, ajudando o meu esquema de organização mental, como tal será aposta na minha futura intervenção sempre que encontrar um esquema de organização por espaços semelhante.

Quando surgiu o momento de operacionalizar a unidade de ensino reparei que se tratava de um documento muito extenso e pouco prático para transportar e consultar no decorrer da sessão. Solucionei este problema criando uma "ficha do professor" (consultar anexo I) que continha os elementos necessários da unidade para uma determinada aula numa folha A4 e predominantemente numa única página. Esta folha, em formato rascunho, continha: a identificação da aula; os grupos de nível; o esquema do espaço de aula; o mapa cronológico (a hora prevista de cada episódio da aula); o material necessário e tópicos importantes para a instrução.

Esta ficha revelou-se bastante útil e transformou-se num instrumento de uso diário. Creio que este instrumento poderá ser bastante útil na minha vida profissional futura, contudo penso que poderá sofrer ainda algumas alterações, como por exemplo um espaço próprio para efectuar algum registo sobre respostas de alunos a questões colocadas relativas aos conhecimentos próprios da disciplina de Educação Física.

No caso desta turma a diferenciação não apresenta uma grande amplitude, pois trata-se de uma turma relativamente homogénea, ou seja, os alunos apresentam níveis de desempenho relativamente similar. No entanto, e mais especificamente, existiam alunos que tinham mais dificuldades numa ou noutra matéria. Neste sentido e com os dados anteriores (avaliação inicial e conferência curricular), optei por colocar os alunos em dois grandes grupos de nível e subsequentemente subdividi-los em dois subgrupos de nível. Assim os grupos formados não se referiam somente a uma matéria mas sim às várias matérias abordadas em cada espaço, o que me ajudava no planeamento das unidades onde se desenvolvem várias matérias em simultâneo.

Creio que esta opção pode ser justificada por não existir uma discrepância de níveis muito grande como é verificado noutras turmas, e também não existe uma clara falta de autonomia nos alunos de nível mais baixo (introdutório). Os grupos sofreram algumas alterações ao longo das etapas, pois tive de reafirmar os níveis, devido a dados novos pela observação nas aulas e a respectiva avaliação formativa.

Para implementar uma lógica de progressão procurei apostar, de início, nas destrezas mais básicas como por exemplo o rolamento à frente na ginástica. Para diferenciar os grupos coloquei duas variantes do exercício na mesma estação com níveis de execução diferentes (ex: rolamento à frente em plano inclinado e rolamento à frente saltado por cima de um obstáculo), em que os alunos de certa forma "escolhiam" o seu nível, aquele a que estariam mais adaptados

Outra decisão que tomei relativa a diferenciação de níveis foi dividir a "sala" em duas metades e atribuir, por exemplo, duas estações a dois grupos e as outras duas estações aos outros dois grupos. As estações focam-se nos mesmos elementos (duas estações com os mesmos conteúdos), no entanto são exercícios com nível de execução diferentes. Com isto existe a vantagem de ser mais específico para os alunos mas contém menos conteúdos numa aula. Penso que a segunda situação referida deverá ser utilizada no início (por exemplo, 1ª etapa) e a primeira situação será mais proveitosa a partir da 2ª etapa, em que os alunos já possuem mais autonomia na realização dos exercícios e

porque é um formato onde se explora mais a dissonância cognitiva dos alunos. Serão pois opções que terei em consideração no meu planeamento no futuro do exercício da profissão de professor.

Para tornar coerente esta lógica de progressão na última etapa procurei atribuir mais desafios aos alunos em colocá-los em situações de jogo mais complexas, como por exemplo jogo 3x3 no voleibol, para os alunos com mais dificuldades que no início apenas jogavam 1x1 e realizavam exercícios de destrezas básicas como o passe, serviço e manchete. A situação de jogo com mais parceiros envolve maior quantidade de processos cognitivos, que tornam o jogo mais complexo e consequentemente mais difícil para o aluno realizar. Este tipo de complexidade do jogo deve ser introduzida gradualmente como é referido na bibliografia desta e outras modalidades.

### **AVALIAÇÃO**

No início do ano lectivo, durante o período de avaliação inicial, senti dificuldades na observação dos alunos e no registo dessas observações. Para facilitar este processo realizei algumas adaptações às fichas existentes no P.A.I. de modo a tornar sua aplicação mais acessível.

Julgo que, para além da falta de experiência, o facto de não conhecer a turma me fazia sentir um pouco inseguro, o que certamente contribuiu para esta contrariedade, passando assim por uma fase de adaptação à mesma. Também o facto de não ter definido correctamente objectivos intermédios específicos sobre este procedimento (exemplo: na aula 1 focar a observação no basquetebol, na aula 2 focar a observação no futebol, etc.) obstaculizou todo este processo de observação e registo. A impressão que detenho é que tentei fazer tudo ao mesmo tempo, o que se revelou muito difícil, se não mesmo impossível, observar (avaliar) toda a aula ao mesmo tempo enquanto de dirige a sessão.

Para fazer face a este obstáculo a estratégia que adoptei foi efectuar um registo mais simples à semelhança de um "auxiliar de memória". Deste modo poderia preencher as grelhas após as aulas, revendo estas antes de cada sessão e possibilitando o registo rectificativo de algumas dúvidas que surgissem no período pré-interactivo.

Na minha intervenção futura creio que deverei planear bem estes momentos de observação, para efeitos de avaliação, relativamente aos seus aspectos operacionais, simplificando também o modo de registo e faseando sempre as observações focadas em determinados aspectos (ex: primeiramente avaliar todos os alunos na estação do rolamento à frente; seguidamente avaliar todos os alunos no salto ao eixo, etc.).

Relativamente a instrumentos de avaliação, optei por usar o teste escrito para avaliar os conhecimentos em todas as etapas, pois creio que se trata de um instrumento fiável e mais adaptado. Não se trata de ser o instrumento mais original, já que podia ter recorrido um pouco mais à criatividade, utilizando fichas de grupo ou individuais nas aulas, trabalhos de investigação e apresentações aos colegas, etc. Mas os conhecimentos testados foram aqueles que foram passados ao longo das aulas o que também vai revelar no fim o grau de atenção dos alunos à informação dada na aula ao longo destas etapas de ensino.

Os resultados da avaliação referida anteriormente por sua vez permitem estabelecer novos objectivos no questionamento nas etapas seguintes, procurando incidir nos alunos que revelam níveis mais baixos nesta área de avaliação, principalmente naqueles alunos que revelam alguma consistência ao longo de duas etapas, indo deste modo ao encontro dos objectivos da avaliação formativa.

Na 1ª etapa a utilização de um teste escrito para a avaliação dos conhecimentos não estava inicialmente prevista, o que creio que resulta da falta de experiência. Como nunca passei pela situação de avaliar uma turma, não previ correctamente a possível falta de elementos para a avaliação dos conhecimentos. Não consegui recolher toda a informação no decorrer da primeira etapa de ensino-aprendizagem, pelo que senti a necessidade de acrescentar esse instrumento para poder concluir o processo de avaliação de forma mais consistente.

Para este problema a opção, ao nível do planeamento, de existir registo na "ficha do professor" pode ser uma solução para resolver esta falha encontrada, que seguramente a testarei para poder comprovar a sua eficácia. Pois trata-se de uma ideia que me agrada e, se obtiver resultados positivos, será com certeza uma medida a adoptar várias vezes no futuro.

Para avaliar a aptidão física segui e utilizei os instrumentos adoptados pelo sub-departamento, realizando a sua adaptação na etapa de avaliação inicial e utilizando os mesmos testes ao longo das restantes etapas. Reparei que estes testes do

FITNESSGRAM funcionam muito bem neste nível de ensino, pois os alunos já os realizaram nos anos anteriores na escola e já têm um conhecimento da operacionalização dos mesmos o que torna fácil a sua aplicação nas aulas.

Na 2ª etapa, por limitações de espaço, recorri a um teste alternativo (do fitnessgram), invés do teste "padrão" utilizado pelo departamento, para avaliar a aptidão aeróbia dos alunos. Recorri então ao teste de corrida 1 milha (invés do teste vaivém) no qual os alunos revelaram uma boa participação e empenho, o que me leva a extrapolar que será um bom teste para usar mesmo como método para desenvolver a aptidão aeróbia e preparação dos alunos para o teste vaivém. Possui um esquema de observação e registo idêntico, onde há um observador e um executante, os alunos estão focados no seu objectivo e vão tendo informações sobre o seu desempenho ao longo das etapas podendo verificar a sua evolução, factor que pode contribuir para a sua motivação relativamente a esta competência.

A partir da 2ª etapa procurei envolver mais os alunos com a aprendizagem dos colegas, por exemplo: alunos não equipados para a prática ajudam os colegas a realizar o exercício e/ou facultam-lhes feedback sobre a sua prestação, indo deste modo ao encontro da avaliação formativa. Processo este que se tornou mais evidente na 3ª etapa com a aplicação de fichas de registo para alunos fora da prática preencherem sobre a execução dos seus colegas em determinados exercícios (consultar anexo II), realizando desta forma uma hetero-avaliação na matéria em questão.

Para a realização deste modo de ensino e a participação dos alunos na aula é fundamental que estas questões estejam bem definidas ao nível do planeamento da unidade de ensino e envolve uma preparação prévia nomeadamente em relação ao material. É também necessário, no meu ponto de vista, efectuar alguns períodos de observação e aferir os registos dos alunos, de modo a contribuir para a formação do aluno observador e manter a avaliação própria do professor.

Esta avaliação formativa para além de providenciar aos alunos uma noção dos objectivos a alcançar e das suas capacidades face a esses objectivos, permite-me ainda desenvolver a competência de observação, que se revela fundamental para o desempenho desta profissão e que, por sua vez, a tenho de continuar a desenvolver após a conclusão deste período de formação. E também permite os ajustes nos grupos de nível já que a observação é feita segundo a unidade de ensino, para a qual o grupo de

nível é elaborado. Revela-se então um instrumento indispensável para o correcto ajuste do planeamento.

Para realizar a avaliação sumativa, foram sempre seguidas as indicações do sub-departamento, indicadas no Projecto Curricular de Educação Física, não descurando claramente as referências de sucesso presentes no PNEF. Surgiram, no entanto, algumas dúvidas na aplicação do método de classificação referido e descrito no PNEF, mas a cooperação dos colegas de estágio e da orientadora de escola revelaram-se fundamentais para ultrapassar esta dificuldade. Mais uma vez a coesão do grupo e as boas relações de trabalho, revelaram-se uma vantagem para ultrapassar as barreiras que foram surgindo, o que reflecte a importância de haver, entre os professores, estas inter-relações para melhorar o trabalho realizado na escola.

### **CONDUÇÃO**

Nesta fase da nossa intervenção, por falta de experiência na situação de professor, recorreremos quase sempre a estratégias que permitam sentir alguma segurança. Neste sentido, predominaram os estilos convergentes, nomeadamente o Comando e Tarefa.

Estes estilos de ensino (comando e tarefa) são definidos por Mosston & Ashworth (2008) e orientam-se para a reprodução de conhecimento e habilidades, baseando-se em conteúdos concretos. São classificados como estilos convergentes dentro do espectro dos estilos de ensino (Mosston & Ashworth).

Estes estilos convergentes representam mais segurança para quem ensina porque proporciona uma resposta mais rápida e eficiente dos alunos, o que para nós professores estagiários é requisito fundamental, pois o nosso foco está centrado no funcionamento da aula e é preocupação nossa que a sessão decorra dentro dos parâmetros previamente delineados, quer na transmissão de conteúdos, quer na realização de todas as tarefas propostas para a aula em questão.

Inicialmente, para as tarefas de aquecimento, utilizava somente o estilo de Comando, sendo que o professor estagiário demonstrava e instruía os alunos simultaneamente. Mas posteriormente, e gradualmente, fui utilizando os alunos para dirigirem o aquecimento



deixando-me mais livre para efectuar correcções nos exercícios e simultaneamente provocar uma dissonância cognitiva no aluno, contribuindo assim para um aumento de autonomia e independência do mesmo.

No entanto este processo acabou por se efectuar de modo não constante e não foi claramente especificado no planeamento, pelo que acabou por não ter o sucesso que tencionava. Será, com certeza, objecto de atenção no meu planeamento futuro para permitir o ganho de autonomia dos alunos gradualmente ao longo do ano lectivo.

Para além do estilo de ensino por tarefa que foi utilizado ao longo de todo o ano (estilo este que, na minha opinião funciona muito bem com o esquema organizativo por estações utilizados nas aulas), foi feita também uma pequena abordagem aos restantes estilos convergentes.

Em algumas sessões foram utilizadas fichas com ilustrações e os respectivos critérios de êxito, como por exemplo para a ginástica acrobática, onde os alunos tinham de executar segundo o modelo representado e verificar os critérios conseguidos. Também se recorreu a um pouco de reciprocidade no ensino, por exemplo para a matéria de judo: os alunos organizados em grupos de 3, enquanto um aluno executa a técnica *o-soto-gari*, o aluno que se encontra "de fora" observa e dá a sua apreciação e corrige se necessário. Possuindo o professor neste caso uma grande liberdade para se deslocar e observar, fornecendo feedback a quem observa e quem executa. E ainda, como foi anteriormente referido, em alguns casos como é o exemplo das aulas de ginásio (ginástica), onde uma estação possuía o mesmo elemento com dois níveis de execução diferentes e cabia ao aluno a opção de um deles.

Conduto apesar do resultado positivo em termos práticos, considero que o efeito no processo de ensino-aprendizagem não foi o desejável, dado que não houve uma consistência da utilização destes estilos de ensino ao longo das etapas. Julgo que uma planificação cuidada destas operações, pensadas com uma sequência lógica e procurando progressivamente mais dissonância cognitiva, facultaria assim nos alunos mais responsabilidade e uma maior autonomia no final do ano lectivo.

Um problema detectado desde cedo foi relativo à gestão do tempo de aula, em que a saída dos alunos acontecia em cima da hora ou um pouco depois desta e por vezes contando com a inexistência de retorno à calma. Este problema relaciona-se com outro problema, a instrução.



Foi detectada alguma dificuldade na selecção da informação, pelo que normalmente se apresentava muito demorada e com um ritmo lento, o que “rouba” tempo de aula para a prática dos alunos e o respectivo tempo potencial de aprendizagem. No entanto é preciso ter em conta que uma Instrução clara e objectiva é fundamental para que haja uma boa aprendizagem por parte dos alunos, logo é preciso uma instrução objectiva e com ritmo.

Na 2ª etapa este aspecto veio a melhorar ao longo da mesma, pois o tempo para a instrução já não se encontrava tão alargado como foi detectado na 1ª etapa, contudo ainda era preciso melhorar mais. E apesar desta tendência se verificar também na 3ª etapa a impressão que detenho é que o nível alcançado poderia ter sido melhor daquele que sucedeu.

Dando continuidade à estratégia utilizada para me ajudar neste caso, penso que poderei continuar a preparar os pontos-chave de instrução antes de cada aula que venha a leccionar, nomeadamente para temas que possuam um conteúdo mais volumoso, e tendo sempre em atenção ao ritmo de instrução para não perder tempo “precioso” (e por vezes aparentemente escasso) de aula.

Outra estratégia adoptada relativamente aos procedimentos de informação foi usar fichas de informação, esquemas de aula e a formação de grupos (consultar anexo III) em suporte de papel para auxiliar a transmissão dessa informação aos alunos, o que na minha opinião acabou por funcionar muito bem para ajudar a reduzir o tempo de instrução inicial.

No início repararei que consumia algum tempo a indicar os grupos, a explicar como montar o material, etc. Em conferência com os meus colegas constatámos que poderíamos encurtar esse tempo colocando a informação disponível para os alunos a lerem, aproveitando o professor desta forma, para se restringir ao essencial e a turma passar mais rapidamente à parte fundamental da aula. Estes procedimentos revelaram-se bem sucedidos e por isso foram utilizados durante o restante ano lectivo.

À semelhança da dificuldade encontrada na instrução, também no acompanhamento verbal as actividades foram denotadas falhas que necessitavam de ser colmatadas. Estes problemas estão ligados a características pessoais, pois por ser uma pessoa muito calma a minha intervenção torna-se mais "morta" do que seria desejado. O que por sua vez torna, na minha opinião, o problema um pouco mais difícil de resolver.

De início foi identificada uma dificuldade em manter o nível e principalmente o ritmo de intervenção na aula, onde por vezes o professor “desaparecia” da aula, o que revela alguma falta de acompanhamento nas aprendizagens dos alunos. O feedback pedagógico existia mas muito focado no individual e pouco presente para o grupo e geral da turma. O que pode ser influenciado pelo facto de ser um praticante de judo, pois trata-se de uma modalidade muito focada na técnica e no individual, e a intervenção nestas sessões são quase sempre focadas numa pessoa.

A partir desse ponto o objectivo foi aumentar a presença do feedback na aula e principalmente o feedback colectivo, pois teria de se desenvolver paralelamente a observação à distancia a quando da circulação pelo espaço de aula. Este objectivo viria a concretizar-se a partir da 2ª etapa, pois fui melhorando e o feedback já se encontrava mais presente no decorrer das aulas e já surgia a intervenção à distância, o que torna o professor mais presente na aula, pois todos os alunos o ouvem, mesmo quando está a intervir na estação do lado. Penso que foi o aspecto que mais melhorias teve, quando comparando o início e o fim deste período de estágio.

Creio que a melhoria na intervenção veio a ajudar no controlo da disciplina, pois o facto de os alunos sentirem mais a presença do professor, levava-os a sentirem-se de certa maneira mais observados, actuando deste modo como procedimento de prevenção para comportamentos fora da tarefa. E também o facto de haver mais circulação e simultaneamente mais intervenção permite-me identificar melhor os comportamentos desviantes e intervir logo no momento da sua detecção.

No início os aspectos de mediação revelaram-se um problema devido à existência de um aluno problemático, que devido à sua situação familiar do ano transacto (divórcio dos pais) revelou tendência a piorar e este estado agravou-se este ano lectivo. Também a entrada de alunos novos na escola e repetentes igualmente ajudou a piorar um pouco o ambiente da turma, pois estes rapazes com algumas tendências de líder formaram um grupo que causava algum distúrbio quando relacionado com o aluno anteriormente referido. Revelou-se um pouco difícil lidar com este caso em específico, mas geralmente quando aplicada uma medida de mediação mais vinculada a atitude do aluno parecia melhorar.

Após a continuidade deste comportamento durante a 1ª etapa procurei, na etapa seguinte, comunicar com os alunos mais próximos deste aluno na turma, já que a comunicação em estilo de negociação várias vezes investida revelou-se fracassada. Os

alunos que me ouviram, à parte da turma, aceitaram bem o discurso e apontaram possíveis causas pelo comportamento do colega (a separação dos pais). O objectivo era a chamada de atenção por parte dos colegas próximos, já que o professor era visto (pelo aluno) como um "inimigo". Depois deste episódio, o aluno em questão revelou um comportamento mais atenuado, verificando-se apenas duas a três situações mais complicadas até à conclusão da 3ª etapa.

Julgo que a conversa dos colegas possa ter ajudado a atenuar o problema, mas claramente que não o resolveu. Considero que utilizar os colegas para comunicar com algum aluno possa ser uma abordagem válida que evita o confronto com alunos, o que poderia tornar-se uma situação bastante complicada.

Relativamente ao clima de aula, procurei desde o início ter uma boa relação com os alunos de uma forma menos formal. Pois tinha a ideia inicial, criada do meu tempo de estudante do ensino básico e secundário, que era importante existir uma certa empatia dos alunos com o professor para um bom ambiente na sala de aula e ainda, um bom clima de aprendizagem pela entrega destes nas tarefas.

Apesar de esta relação professor-alunos ser bastante positiva, fico com o sentimento de faltar um pouco a figura de autoridade que deve ter o professor, o que leva os alunos a não se empenharem mais seriamente nas tarefas e a existirem mais "brincadeiras", mesmo após a chamada de atenção do professor.

É claro que a idade e falta de experiência concorrem para este facto, contudo julgo que as primeiras intervenções devem ser mais "rígidas", sem "sorrisos", para criar nos alunos a ideia de um professor mais sério e sem espaço para "brincadeiras". Penso que terá sido algo que me faltou, como igualmente aconteceu com os meus colegas. Será então um aspecto a ter em conta quando iniciar um período lectivo com uma turma pela primeira vez, mas fazendo a transição de modo gradual delineando bem a transição entre boa disposição e mau comportamento.

Durante este período de estágio, reparei que existe sempre alguma matéria ou mesmo um exercício que um aluno não gosta, o que leva à falta de motivação quando é conteúdo da aula. Penso que neste sentido a minha intervenção não foi a suficiente na 1ª etapa. Foi algo que tentei melhorar, procurando dar mais reforço positivo nas tarefas que os alunos revelavam níveis de motivação mais baixos e também nas tarefas em que revelavam mais dificuldades. Pois constata-se que o aluno sente a necessidade de se sentir valorizado e, ao reforçarmos positivamente o seu comportamento e a sua

## Relatório Final de Estágio

---

Escola BI c/ JI D. Carlos I

concretização da tarefa, mesmo que apenas cumpra 1 dos 4 objectivos, este sente-se parte do processo e que o caminho para o sucesso está mais curto e não é impossível de alcançar.

Outro factor que pode contribuir para a falta de motivação para a prática das actividades trata de tarefas pouco desafiadoras e monótonas. Logo desde a etapa de avaliação inicial utilizava uns exercícios de aquecimento muito simples, como a corrida e mobilização articular com os alunos parados no mesmo sítio. Exercícios estes que continuei a utilizar durante toda a 1ª etapa até que fui chamado à atenção pela orientadora, pois os alunos demonstravam pouco agrado e já algum cansaço nesta prática.

Primeiro procurei variar o aquecimento com exercícios de manipulação de bola, que se revelou numa tarefa mais complexa e mais desafiante de início, contudo após a repetição dos exercícios os alunos voltaram a criar um "ponto de conforto" e a actividade de aquecimento voltava a ser monótona.

No sentido de introduzir mais motivação e dinâmica no aquecimento, procurei inserir na actividade de aquecimento jogos pré-desportivos e acabei por criar uma variante do jogo de "apanhada" com bola, utilizando bolas de voleibol e basquetebol, jogo este que funcionava muito bem para esta turma e revelou-se uma actividade bastante agradável para os alunos.

Para ajudar mais na motivação dos alunos procurei que estes atribuíssem um nome ao jogo, o que vai contribuir para um clima de aula mais positivo, envolvendo os alunos na criação do jogo. Penso que o poderia ter feito mais cedo na 3ª etapa. Julgo que é uma estratégia que pode ser aplicada se surgir a oportunidade para amplificar o clima positivo de aula.

Um factor central de toda esta formação foi a observação e discussão constantes entre todos os elementos intervenientes neste processo de estágio. Para concretizarmos estes objectivos, fizemos observações inter-pares, inter-escolas, elaborámos o projecto de observação/supervisão e realizámos a semana de professor a tempo inteiro.

A observação inter-pares das aulas dos professores estagiários revelou-se bastante proveitosa, pois os colegas que se encontravam a observar a aula "de fora" conseguiam identificar aspectos que nós enquanto professores passavam-nos ao lado. Penso que deve ao facto de estarmos muito focados nos aspectos organizativos e no cumprimento do plano da sessão. Desta forma as conferências pós-aula tornaram-se muito úteis para

a própria autoscopia e o autoconhecimento da nossa formação, pontos fortes, aspectos a melhorar, etc.

O projecto de observação/supervisão foi elaborado no final da 1ª etapa e foi operacionalizado a sua maior parte durante a 2ª etapa. Para a elaboração deste projecto deparámo-nos com o problema de a nossa orientadora de escola não possuir turma para leccionar e dessa forma não poderemos observar a sua condução do ensino.

Para o resolver escolhemos um professor do sub-departamento, com a preferência de ter completado a licenciatura mais recentemente (com o objectivo de ser um professor com conhecimento académico mais actualizado), para substituir a observação de aulas leccionadas pela orientadora de escola.

As sessões de observação contempladas no projecto não mostraram grande diferença das restantes observações que tínhamos vindo a fazer regularmente no decorrer da 1ª etapa, só denotar que os registos se tornaram mais completos, pois actualizámos a ficha de observação elaborada para este projecto, para se adaptar a cada estagiário. Assim os focos na observação traduziram-se mais vinculados e consequentemente mais dirigidos.

A visita inter-escolas permitiu desenvolver mais o espírito de discussão e análise e também, tomar conhecimento com outras realidades e outro tipo de soluções, que daí provêm novas ideias para o nosso meio. Nesta actividade procurei sempre, à semelhança dos meus colegas de núcleo, cooperar da melhor maneira possível, dando o meu contributo ao “autor” da sessão observada nas duas escolas que visitámos.

Da mesma maneira que comuniquei a minha análise, aproveitei para recolher os comentários dos vários núcleos que nos visitaram, permitindo-me aperceber melhor do que também já haveria sido referido pelos orientadores do nosso núcleo. E permitiu-me concluir ainda as minhas principais falhas e o ponto forte (que se revelou o elevado tempo de prática).

A “semana a tempo inteiro” revelou-se uma experiência enriquecedora, na medida em que me permitiu tomar noção do verdadeiro ritmo de um professor e conhecer outra realidade para além da minha turma (8ºF) e também para além das turmas dos meus colegas de estágio. Com as turmas de uma professora do sub-departamento foi possível ter contacto com alunos diferentes. Já a selecção das turmas permitiu ter alguma variedade de alunos abarcando todo o 3º ciclo, do 7º ao 9º ano, o que deu para notar a

diferença entre as turmas, quer no seu comportamento e empenho quer no seu nível de desenvolvimento motor.

Outro aspecto foi o contacto com alunos com dificuldades especiais, um aluno de cadeira de rodas que mostrava uma atitude soberba no empenho e participação, sempre com vontade de fazer tudo o proposto, mas tendo as claras dificuldades evidentes e por isso o trabalho com este aluno foi conforme as directrizes nacionais, ou seja, o mais integrado possível e tanto específico quanto necessário.

Também surgiu o contacto com alunos com grandes dificuldades cognitivas, que precisavam de mais atenção e intervenção, o que na minha opinião foi cumprido nesta semana.

Terá falhado talvez ao nível do planeamento, em que poderiam ter sido pensadas situações próprias para estes alunos, mas a adaptação dos exercícios com as suas participações foram feitas com sucesso, no meu ponto de vista.

Outro factor que foi “posto à prova” foi a capacidade de improvisar que esta profissão requer, de situações que correm diferente do planeado, quer a nível do espaço, material, comportamento dos alunos, etc. Penso que esta experiência “puxou” muito por nós neste aspecto e creio que desenvolvi esta apetência que será continuamente testada e recorrida durante a minha actividade de professor.

Estas observações e discussões, sobre a nossa prestação na condução de uma sessão didáctica, revelaram-se como um grande exercício de trabalho em grupo, onde a falta das boas relações formadas para este efeito teria dificultado o processo. De notar a participação dos colegas do núcleo na nossa formação individual, que realizavam um tipo de conferências, embora num formato informal, sem a presença dos orientadores, mas que contribuía para o mesmo propósito referido anteriormente.

É destacado ainda o espírito de inter-ajuda de todos os estagiários, pelo que pedia-mos opiniões, chamava-mos a atenção para alguns problemas e apresentava-mos algumas sugestões, o que igualmente ajuda na nossa condução do ensino, enriquecendo assim a nossa formação como professores.

### **Área 2 – Investigação e Inovação Pedagógica**

Para cumprir como o objectivo da investigação e inovação pedagógica, era exigido que se identificasse um problema da escola e que essa investigação pudesse contribuir de alguma forma para a comunidade escolar em questão. O tema seleccionado foi a indisciplina, o que aparentemente não faz muito sentido por se tratar de uma zona (Sintra) sem conhecimento de agitação e conflito social, no entanto o problema da indisciplina está cada vez mais presente nas escolas deste país.

Para seleccionar o tema de estudo recorreu-se à nossa experiência na escola no contacto directo com as turmas e constatou-se que episódios de indisciplina na sala de aula eram sistemáticos, um problema comum a todos os elementos do núcleo. Problemas estes que geralmente não se consideram de grande gravidade (ex: chegar atrasado, falar durante a explicação do professor, etc.) mas que acabam por interferir com o clima de aula e o bom funcionamento da mesma.

Para a verificação contextual deste problema várias pessoas de relevo estratégico foram auscultadas, entre as quais coordenadores dos directores de turma, a coordenadora do gabinete de apoio ao aluno (GAA) e a directora da escola. Estando o tema de partida definido, a grande dúvida que nos inquietava era o porquê daqueles comportamentos. Discutia-se se os alunos não sabiam que estavam a cometer actos de indisciplina e então surgiu a pergunta de partida: Existem diferenças na percepção da indisciplina entre os vários actores escolares?

Após o objectivo da identificação do problema da escola estar cumprido era objectivo seguinte conceber a caracterização do problema com recurso a um quadro teórico válido. Objectivo este que foi cumprido com a elaboração do projecto de investigação-acção, onde foi feita toda a análise da bibliografia sobre o tema, como os comportamentos de indisciplina definidos por Amado (1991), e também a metodologia e procedimentos a implementar. Para o alcance desta competência, muito contribuiu a sessão de esclarecimento do professor Carreiro da Costa, que sempre se disponibilizou para ajudar os alunos, e nós, núcleo de estágio, aproveitámos da melhor maneira. Assim a elaboração do projecto realizou-se segundo as orientações dadas e com a colaboração de todos os elementos do núcleo.

Depois de concluídos os dois objectivos anteriormente referidos, pôde-se passar para a aplicação dos questionários. Esta foi a ferramenta de recolha de dados por nós escolhida por ser a que se adaptava melhor ao nosso caso, a qual está contemplada no projecto de investigação-acção (consultar anexo IV).

A aplicação não correu como o inicialmente previsto, pois era estratégia do núcleo aproveitar as reuniões de conselho de turma para distribuir os questionários aos professores o que se revelou muito difícil de concretizar. Para colmatar esta falha o núcleo mudou de estratégia passando a distribuir e aplicar os questionários na sala dos professores, durante o período de intervalo, pois era quando estes tinham mais tempo disponível e estavam mais dispostos para colaborar.

Para a aplicação dos questionários aos alunos, o procedimento adoptado foi como inicialmente se tinha previsto. Em colaboração com a directora de turma utilizaram-se as aulas de Formação Cívica para a aplicação destes questionários, o que funcionou muito bem em termos operacionais e uma vez que o tema se integrava no âmbito destas aulas.

No que confere aos alunos dos cursos CEF a tarefa adivinhava-se mais difícil, pois estes não possuem no seu currículo a disciplina de formação cívica, ou equivalente. A resolução por nós encontrada foi solicitar a utilização das aulas de Educação Física, em colaboração com os nossos colegas de sub-departamento, para se aplicar os questionários aos alunos. Utilizámos assim a fase final ou inicial da aula conforme a orientação do professor da turma para a aplicação dos mesmos.

Na aplicação de questionários tem de se considerar o tempo disponível das pessoas e os respectivos horários, pois apesar de poder ser um questionário curto, sempre ocupa 5 a 10 minutos do tempo da pessoa inquirida. Relativamente aos alunos creio que a melhor solução será utilizar parte de uma aula, pois nesta situação o tempo dos alunos “pertence” à sala de aula e às tarefas que aí são propostas.

No caso dos professores o factor tempo é diferente, pois existem maiores constrangimentos temporais. Estes dividem o seu tempo entre aulas, reuniões, tarefas de direcção de turma, impressão de documentos e ainda a sua vida pessoal. Assim as reuniões são uma má opção pois esse tempo está contado “ao segundo”. Como tal parece-me que a melhor opção consiste em requisitar as pessoas no seu tempo livre enquanto permanecem na escola (intervalos), será então um aspecto a ter em conta na realização de um trabalho de investigação no futuro.



O tratamento estatístico dos dados foi efectuado com o programa informático de tratamento estatístico de dados SPSS. Foram verificadas as diferenças inter-grupos e intra-grupos e ainda foi feito um teste de consistência interna para assegurar que as relações que pudesse-mos retirar dos dados obtidos seriam válidas e significativas para a população estudada. Através da análise inter-grupos constatámos que os professores tendem a atribuir a mesma gravidade ou gravidade superior aos comportamentos referidos nas questões em relação aos alunos. E verificou-se também que não existem diferenças significativas entre os dois grupos de alunos (regular e CEF), ao contrário do que tínhamos pensado inicialmente.

A principal conclusão retirada deste estudo é que para alguns dos comportamentos analisados, os alunos tendem a atribuir um grau de importância menor, quando comparado com o grau atribuído pelos docentes. Assim, o facto de os alunos tenderem a encarar determinados comportamentos como sendo menos graves, será um dos factores que potenciará a adopção de tais comportamentos de indisciplina, uma vez que no seu quadro de valores a importância atribuída a tais comportamentos não corresponde à realidade.

Outro facto interessante é a tendência para uma atribuição de maior gravidade a comportamentos que interferem directamente com o Professor e a sua autoridade verificada em estudos anteriores, sendo também nesta população sentida, mas não é tão acentuada como nos referidos estudos. Deste modo pode-se constatar aqui, uma diminuição da gravidade atribuída a este tipo de comportamentos, facto bastante preocupante, pois são estes comportamentos que estão directamente relacionados com a autoridade do professor, denotando uma diminuição da autoridade até aqui detida por este actor escolar, confirmando assim um sentimento geral do núcleo constatado com o decorrer das aulas.

Procurou-se também apresentar algumas opções para dar continuidade a esta temática específica, como abranger o estudo das percepções aos encarregados de Educação, uma vez que a importância atribuída pelos alunos não é coincidente com a que os professores atribuem aos mesmos comportamentos, averiguando se seria pertinente ou não, dirigir acções sensibilizadoras a este grupo de modo a que também os pais pudessem ter um papel central no reforço da correcta compreensão destes critérios por parte dos seus educandos.

Procurou-se ainda apresentar sugestões de minimização da diferença encontrada, como

por exemplo que a definição de critérios de comportamento e disciplina seja mais evidente e clara, com especial incidência no início do ano lectivo, de modo a promover uma aproximação do valor atribuído aos comportamentos de indisciplina pelos alunos ao valor que os professores e a escola exigem. Esperando assim, que a correcta compreensão do grau de gravidade de tais comportamentos, possa ser um factor promotor de Disciplina.

No que diz respeito à organização e preparação da sessão todas as tarefas foram realizadas pelo núcleo, com a ajuda da orientadora de escola (comunicação com a direcção, aprovação da sessão de apresentação em reunião de conselho pedagógico, etc.). Esta sessão tinha como público-alvo os professores da escola, a Direcção, a Associação de Pais e teve lugar no auditório da escola. A sua divulgação foi feita através de convites enviados por e-mail para a Associação de Pais e Conselho Geral, pessoalmente a alguns professores e à Direcção da escola e através de cartazes (consultar anexo V) elaborados pelo núcleo, foram assim afixados na sala de professores, no gabinete de Educação Física, e na entrada da escola.

De uma forma geral a apresentação decorreu como planeado e os objectivos a cumprir, segundo o que foi solicitado, foram cumpridos. A apresentação foi realizada através de uma apresentação PowerPoint, na qual constavam: as razões para a escolha do tema abordado; uma breve introdução ao tema, retirada da revisão bibliográfica; a metodologia e forma de tratamento dos dados recolhidos; a apresentação dos resultados e as conclusões. A informação colocada nos slides foi cuidadosamente seleccionada para que os participantes pudessem situar-se no tema e conseguissem perceber os resultados que se apresentaram.

A apresentação foi preparada previamente e antes da sessão foi realizada uma apresentação teste para obter feedback dos orientadores, tanto no que diz respeito à informação dos slides, como na forma de transmitir a informação aos participantes. A apresentação foi feita de forma clara e concisa, tendo a comunicação com o público sido bastante boa.

No que diz respeito à adesão esta foi relativamente boa, sendo que, como já foi referido, estavam diversas reuniões a decorrer ao mesmo tempo. Compareceram alguns professores do Sub-Departamento de Educação Física, incluindo o coordenador e a directora de instalações, membros da Direcção, professores de outras disciplinas e dois representantes da Câmara de Sintra, ligados à educação no 1º ciclo.

A maior dificuldade sentida pelo núcleo foi dinamizar ou conseguir a participação voluntária do público. Para iniciar apresentaram-se sugestões de como se poderia melhorar o trabalho e procurou-se a partilha das respectivas opiniões. Ao ver que não estava a correr como planeado colocou-se algumas questões que estavam de acordo com o que se apresentou nos slides e após alguma insistência conseguiu-se que se desenrolasse uma discussão bastante interessante. No entanto, como tínhamos o tempo limitado tivemos que abreviar a discussão, o que julgamos ter sido um pouco negativo, uma vez que a troca de opiniões estava a ser bastante produtiva.

Após a sessão inquirimos os participantes sobre a mesma com um questionário próprio para o efeito (consultar anexo VI) e obtivemos um feedback bastante positivo, sendo a pertinência do tema um ponto forte e a divulgação da sessão um aspecto menos conseguido, será algo a ter em atenção nas futuras apresentações na escola.

De salientar a participação e interacção de todos os elementos do núcleo na realização dos objectivos cumpridos e também da orientação dos nossos orientadores que, de uma maneira ou outra, nos indicaram os melhores caminhos a seguir. E ainda sem descurar os participantes na sessão, que contribuíram com bastante relevo para o sucesso da sessão de apresentação e discussão sobre as diferentes percepções de indisciplina.

### **Área 3 – Participação na Escola**

No que respeita ao Desporto Escolar a escola D. Carlos I participa nas provas regionais organizadas pela DREL (Direcção Regional de Educação de Lisboa). Na escola as modalidades são discutidas e seleccionadas no início do ano lectivo pelos professores do sub-departamento, tendo em conta as preferências destes e o espaço e material disponível. Também os elementos do núcleo detiveram a opção de selecção da modalidade, segundo o nível de desafio (realidade desconhecida para o estagiário) e o horário disponível (tendo em conta as outras actividades de estágio).

Neste ano lectivo, por causa da questão do horário em turno duplo, as instalações para o Desporto Escolar só se encontravam vagas durante as horas de almoço, mais especificamente entre as 13h30 e as 15h00, o que veio a reflectir-se na baixa participação dos alunos no Desporto Escolar. A minha escolha incidiu sobretudo na questão horária, pois era praticamente o núcleo de Desporto Escolar a que podia acompanhar todos os dias do horário. Escolhi assim o Futsal e o escalão definido foi: iniciados masculinos.

Relativamente à actividade desportiva a escola participa nas provas da ADESIIntra, nomeadamente no corta-mato. A participação nesta actividade é apoiada pelo grupo de Educação Física na sua totalidade, pois realiza-se, num dia da semana, um corta-mato da escola que envolve toda a comunidade escolar durante esse dia. E o grupo acompanha, também a 100%, os alunos seleccionados para o corta-mato concelhio, participando desta forma em todos os escalões.

O sub-departamento de Educação Física realiza várias provas inter-turmas, compreendendo as modalidades de futsal, basquetebol, voleibol, ginástica e salto em altura (atletismo).

Relativamente ao Desporto Escolar, o acompanhamento do núcleo de Futsal foi constante e de forma estruturada. No inicio tive uma participação como observador, mas logo desde cedo o professor responsável foi me atribuindo liberdade para, gradualmente, ter uma participação mais activa nas sessões de treino ao ponto de as conduzir na sua totalidade temporal. O meu percurso decorreu de forma gradual, tendo vindo a tomar a função principal sempre com a ajuda do professor responsável (ex: quando um exercício não

corria totalmente como o pretendido, o professor responsável, chamaria à atenção e sugeria condicionantes para alterar o exercício e colocar os alunos com a prestação motora pretendida).

Apesar de se formar uma equipa de iniciados para competir nas provas, também se deu oportunidade a alunos mais novos que manifestavam interesse em participar no Futsal, criando-se assim uma segunda equipa do escalão infantil-A, com alunos maioritariamente do 5º ano (contrastando com os alunos iniciados do 8º ano).

Os treinos decorreram ao longo de todo o ano, verificando-se um claro desapontamento por não realizarem um jogo contra outra equipa de outra escola. Neste sentido, contactei com uma colega de faculdade em estágio na escola D. Fernando II, também ela a acompanhar um núcleo de futsal com escalão infantil, e combinámos um jogo "amigável" entre as duas equipas. Esta decisão foi tomada no sentido de proporcionar a experiência da situação competitiva aos alunos e simultaneamente aumentar os níveis de motivação, para contribuir para uma possível continuidade da prática no ano lectivo seguinte.

A organização esteve totalmente a meu cargo (e da minha colega), estabelecendo os contactos com a colega, informando o professor responsável, verificar horários, estabelecer o local, etc. O jogo foi realizado na escola D. Fernando II e foi uma experiência enriquecedora, não só para mim, como também para os alunos, que passaram da situação estável do treino para uma situação instável do jogo, contra alunos diferente e alguns mais velhos (maiores).

Foi mais uma experiência diferente para mim como professor estagiário, pois passei pelo contacto com outros professores de outra escola, acompanhei um grupo de alunos mais novos (2º ciclo) ao que este estágio me habituou e tomei contacto com outra realidade de Desporto Escolar, já que a equipa adversária continha cerca de 20 alunos, contrastando com os nossos 7.

O acompanhamento competitivo dos iniciados correu muito bem, tendo cumprido com todos os jogos e alcançado resultados superiores às expectativas iniciais. Tive a oportunidade de orientar a equipa durante um jogo inteiro, fornecendo feedbacks e tomando as decisões dos 5 jogadores em campo e as respectivas substituições. Também tive a oportunidade de participar na condução e simultaneamente organização (na escola D. Carlos I) dos jogos com algum relevo, pois o professor responsável atribuiu-me mais responsabilidade na condução e gestão da equipa, no decorrer dos jogos e com resultados bastante positivos.

Julgo que a minha intervenção no Futsal me ajudou em determinadas competências para a condução de ensino, como por exemplo na transmissão de feedbacks, já que se tratava de um grupo muito dinâmico que requeria uma boa colocação de voz e segurança no discurso. Creio que foi um aspecto no qual ganhei alguma confiança e isso reflecte-se na minha intervenção, contudo penso que poderia tornar-me um pouco mais decidido e mostrar ainda mais segurança nas intervenções, principalmente na condução das sessões de treino, pois este núcleo de Futsal incluía alguns alunos com um comportamento considerado mais desafiador e indisciplinado.

Assim esta experiência permitiu-me tomar consciência das dinâmicas de uma modalidade colectiva, visto que eu sou praticante de uma modalidade individual (judo). Na relação com o professor responsável procurei sempre entregar-me da melhor maneira possível, agindo sempre cooperativamente, cordialmente e respeitosamente reflectindo-se desta forma no resultado positivo desta minha participação.

Respeitante à acção de educação para a saúde, a intenção inicial do núcleo era desenvolver uma actividade relacionada com o consumo de substâncias, de pois era um problema identificado na escola. Contudo estávamos condicionados pela disciplina da faculdade que nos definiria o tema de intervenção, espera que se prolongou até à 3ª etapa. Passado esse tempo de espera, e após conversa com o professor coordenador do do sub-departamento, decidimos aproveitar a oportunidade de nos anexarmos ao projecto de educação para a saúde da escola.

Este projecto relacionava a Educação Física com o controlo da obesidade na escola, aproveitando os dados do fitnessgram, realizava-se um levantamento dos alunos com excesso de peso para encaminhá-los para profissionais da área. Assim participámos activamente no levantamento de dados, nomeadamente o IMC e efectuámos o tratamento dos mesmos, criando várias categorias e gráficos, utilizando o Microsoft Excel e seguindo sempre as orientações do professor responsável. Também se elaborou uma apresentação Powerpoint como o objectivo de alertar os Encarregados de Educação para a problemática da obesidade infantil, divulgando os resultados e explicitando os conceitos de IMC e percentagem de massa gorda, pois para sensibilizar e consciencializar as pessoas é preciso informá-las e instruí-las.

Penso que poderia ser incorporado a este projecto um plano de acção na escola através de actividade física, no sentido da prevenção e sensibilização para estilos de vida saudável, o que na minha opinião poderia tornar este projecto mais rico.

## Relatório Final de Estágio

---

Escola BI c/ JI D. Carlos I

A análise do funcionamento da escola foi realizada no documento “Análise e Caracterização do Funcionamento da Escola”, que não foi entregue no prazo inicialmente previsto na primeira etapa, mas foi cumprido o segundo prazo estabelecido para o início da 2ª etapa. Após a realização deste documento apercebemo-nos da importância do seu “timing” previsto no estágio, pois ficámos a conhecer melhor os vários órgãos e o seu funcionamento na escola, e assim perceber melhor os aspectos que condicionam e ilustram a dinâmica da escola.

O conhecimento destes regulamentos, elementos e funcionamento da escola é fundamental para qualquer profissional docente que entra para um estabelecimento de ensino, já que à semelhança das outras ocupações profissionais, o profissional tem que conhecer as “regras da casa”. Será um ponto a apontar quando iniciar actividade numa escola, conhecer estes documentos de funcionamento da escola e sempre que possível antes no início do ano lectivo.

A participação do núcleo na escola conta também com a participação na organização da actividade interna, que primeiramente contou com inter-turmas de futebol, e salto em altura, seguindo-se o basquetebol, o voleibol e ginástica. Na distribuição para estas actividades fiquei incluído no grupo para o inter-turmas de futebol e basquetebol e tomei contacto com as várias tarefas a realizar, nomeadamente a elaboração de quadros competitivos, tabelas de resultados, entre outras. As tarefas a realizar foram cumpridas com alguma facilidade, excepto a elaboração do quadro competitivo que por vezes se tornava complicado pelas muitas equipas inscritas com pouco tempo para realizar os jogos, mas a tarefa foi cumprida e as dificuldades ultrapassadas.

Nas actividades do salto em altura e ginástica a minha participação consistiu em ajudar no material, segurança para saltos, indicação de grupos, etc. Revelaram-se actividades interessantes de participar pelo entusiasmo e empenho dos alunos, pois ali fazem a aplicação em contexto real (competição desportiva) das matérias aprendidas nas aulas de Educação Física.

Relativamente à prova de corta-mato da escola, mostrou ser uma actividade gratificante de participar e assistir, pela forma como toda a comunidade é envolvida e pela dinâmica que se cria na participação dos alunos.

Os vários professores tiveram tarefas próprias definidas previamente, no meu caso tive o papel de animador com microfone. Era requerido que fizesse a chamada dos alunos para a linha de partida, informasse alterações no programa, anunciasse as medalhas, etc. De

## Relatório Final de Estágio

---

Escola BI c/ JI D. Carlos I

início estava um pouco assustado, pois não sabia com actuar. Tive numa situação de instabilidade que acabou por se revelar boa, porque tive de me esforçar para desenvolver um "à-vontade" próprio, já que sou uma pessoa tímida e nesta profissão as relações humanas são de extrema importância.

A prova decorreu bem com a excepção de ser um dia de chuva, mas mesmo assim os alunos participaram com um grande empenho e os primeiros 10 classificados seriam apurados para participar no corta-mato concelhio.

O corta-mato concelhio consistiu num dia de excursão à Base Aérea de Sintra com os alunos seleccionados do corta-mato da escola. Correu tudo bem, a nossa tarefa era acompanhar um grupo de alunos, organizados segundo o escalão, e a escola conseguiu alguns bons resultados, entre os quais um primeiro lugar no escalão iniciados femininos.

Foi uma experiência agradável, tivemos contacto com colegas de faculdade, também eles em estágio, e foi interessante ver toda a dinâmica criada em torno da prova. De salientar que nestas actividades a relação entre os elementos do núcleo de estágio foi sempre sólida, o mesmo se passando relativamente aos restantes professores do sub-departamento, respeitando sempre as indicações do guia de estágio.



### **Área 4 – Relações com a Comunidade**

Sendo a escola situada em Sintra, foi logo de início a intenção do núcleo de estágio aproveitar o espaço natural envolvente, mais especificamente a serra de Sintra. A inclusão do Jardim de Infância não estava prevista, mas como se encontra integrado na escola, foi uma oportunidade por nós aproveitada para explorar também contacto com outros níveis de ensino.

A actividade foi apresentada e aprovada junto do conselho pedagógico, incorporando-se no projecto educativo de escola, que foi aprovado na sua versão final na 3ª etapa, etapa em que realizámos a nossa actividade.

Relativamente à direcção de turma, a professora encarregue da turma 8ºF, já os acompanhava desde o ano lectivo passado, o que facilitou o contacto com os encarregados de educação pelo conhecimento prévio do ano transacto. A sala de directores de turma e a sala de atendimento aos encarregados de educação, local de trabalho para as tarefas da direcção de turma, estão localizadas junto à sala de professores, local onde estão os computadores de acesso à rede da escola e onde se complementa o trabalho da direcção de turma operando no sistema informático.

Relativamente à acção de animação sócio-educativa, na 2ª etapa foi elaborado o projecto de intervenção, onde se recorreu à consulta bibliográfica de jogos tradicionais descritos por Bragada e estabelecemos os primeiros contactos onde revelámos as nossas intenções e objectivos previstos para esta acção de animação sócio-educativa.

Penso que este projecto por nós elaborado vai de encontro ao pretendido no guia de estágio e aproveita da melhor maneira o meio em que nos encontramos, já que mobilizamos uma parte da escola (Jardim de Infância) com quem temos pouco ou nenhum contacto, excluindo as ocasiões em que nos cruzamos com os pais (e alunos) que vão buscar os filhos ao final do dia.

Também vamos mobilizar outra parte da escola (cursos CEF) em que não intervimos directamente, e propomos a esses alunos a sua participação numa actividade que irá de encontro à sua formação, que os prepara para o desempenho de tarefas semelhantes àquelas presentes nesta actividade por nós desenvolvida.

Envolvemos também encarregados de educação, que representam um papel importante na formação dos seus educandos e quanto maior e mais activa for a sua participação no meio educativo e escolar melhor. E por fim, aproveitamos da melhor maneira o meio envolvente da escola ao utilizarmos o parque natural de Sintra, pelo espaço disponível e a sua qualidade, inclusive porque representa um ambiente saudável longe da agitação e poluição das áreas urbanas, um problema crescente nos dias correntes. E assim promovemos também o estilo de vida saudável que os pais e a escola devem transmitir aos seus educandos e alunos.

A nível organizativo, o núcleo de estágio manteve contactos com as responsáveis do Jardim de Infância, apresentando as ideias e recebendo *feedback* e sugestões das Educadoras. O núcleo sempre responsável por fazer a articulação entre os vários intervenientes transmitindo as decisões às restantes partes, nomeadamente às coordenadoras dos Cursos CEF.

Existiram várias tarefas em que o núcleo teve um papel fundamental e que importam salientar, uma vez que foram essenciais à realização desta actividade e para o nosso próprio enriquecimento pessoal. Entre as quais temos a colaboração prestada às Educadoras na marcação do Transporte para o local de realização da actividade, a elaboração das regras dos jogos adaptadas à faixa etária dos participantes, elaboração de cartões de pontos e elaboração do inventário do material disponível e necessário para a actividade. Na procura de material para a realização dos jogos importa salientar a colaboração que obtivemos por parte do Sr. Marques, funcionário da escola, que disponibilizou o seu tempo para nos auxiliar, bem como algum material que havia produzido para outras actividades e que nós oportunamente decidimos usar como meios auxiliares na nossa actividade. Para além deste material ainda houve alguns casos em que o núcleo criou os próprios materiais como por exemplo bases de apoio, fichas de apoio, ou apetrechos necessários à realização dos jogos.

Outro factor importante na área da organização diz respeito ao reconhecimento do espaço. O núcleo de estágio deslocou-se previamente ao local escolhido para a realização da actividade, de modo a poder analisar o local e planear a actividade atempadamente, garantindo as condições de realização da mesma. Este facto permitiu-nos realizar os devidos ajustes nas várias estações, e até mesmo a substituição de jogos, bem como programar todos os locais onde posteriormente colocaríamos as estações.

Por último realizámos uma acção de formação tendo como público-alvo as alunas do curso AAE, as quais ficaram responsáveis pelo acompanhamento dos alunos mais novos nas estações, de modo a que estas tomassem conhecimento dos jogos que se iriam realizar na actividade. Nesta acção os jogos foram revistos e experienciados pelas alunas, e procedemos também à distribuição das mesmas pelas cinco estações definidas. De salientar a disponibilidade e receptividade das coordenadoras dos cursos CEF e das Educadoras do JI para as ideias propostas o que facilitou todo o processo de organização, planeamento, ajuste e implementação da actividade.

No dia da Actividade o núcleo de estágio planeou chegar ao local com bastante antecedência, de modo a poder garantir atempadamente a montagem dos jogos, dos percursos e respectivo material. Para além dos equipamentos/materiais necessários à actividade, adoptámos também alguns procedimentos de segurança, nomeadamente através da marcação e isolamento do acesso à estrada e outras zonas potencialmente perigosas para as crianças, de modo a evitar que pudessem ir para esses locais durante a actividade, pondo em risco a sua segurança.

Após a chegada das crianças do jardim-de-infância e seus pais, procedemos ao enquadramento dos mesmos com uma breve explicação sobre a actividade que iríamos realizar. Procedemos à formação de grupos, em colaboração com as educadoras, distribuindo os pais de modo equitativo e, incluindo em cada grupo um professor e uma aluna do curso AFAC II. Após a formação dos grupos distribuímos os mesmos pelas várias estações, onde também já se encontravam os responsáveis por cada estação, as alunas do curso AAE, e demos assim início à actividade.

No decorrer da actividade o núcleo de estágio foi circulando pelas várias estações, certificando-se que tudo decorria conforme planeado e ficou responsável por assegurar as rotações entre estações, que eram feitas em simultâneo de acordo com o esquema de rotação após sinal sonoro. Após a passagem de todos os grupos pelas cinco estações, o núcleo de estágio reuniu os participantes na última estação, onde se desenrolou o ultimo jogo, o Jogo do Balão. Este jogo foi realizado pelos grupos por ordem pontual, uma vez que se tratava de uma estação onde eram atribuídas pequenas lembranças aos participantes. É de salientar que todos os pais a quem foi solicitado que participassem no jogo, colaboraram com entusiasmo, tornando a actividade mais interessante e com uma maior dinâmica.

## Relatório Final de Estágio

---

Escola BI c/ JI D. Carlos I

Finda a última actividade, deu-se início ao nosso pequeno banquete, atenciosamente preparado pelos alunos do curso AFAC II, seguido de um convívio entre todos os participantes. Foi ainda possível realizar algumas demonstrações de jogos tradicionais, com a colaboração dos pais, que não tinham sido experimentados pelos participantes ao longo do percurso, como sendo o caso do lançamento do pião.

No geral a actividade decorreu bastante bem e foi de encontro ao planeado. O “briefing” inicial poderia ter sido um pouco mais desenvolvido e trabalhado com antecedência, para que as nossas intervenções estivessem bem planeadas e claras, no entanto, a nossa inexperiência com crianças também contribuiu para esta dificuldade. Outro ponto menos positivo refere-se à organização dos grupos houve alguma confusão pois tínhamos planeado 5 grupos para 5 estações e as Educadoras planearam 6 grupos. A maior dificuldade fez notar na distribuição das crianças juntamente com os respectivos pais, para que houvesse pelo menos um adulto por grupo. Como participaram mais pais do que era esperado gerou-se alguma confusão na distribuição e organização dos grupos. Neste caso a capacidade de improviso desenvolvida na semana de professor a tempo inteiro descrita anteriormente, fez valer a solução encontrada de ajuste dos grupos que acabaram por funcionar muito bem dentro do esperado.

Todas as actividades decorreram como planeado e foi notória a satisfação de todos os participantes. Após a actividade conversámos informalmente com os professores acompanhantes e com as educadoras para saber a sua opinião à cerca da actividade, os quais consideraram que esta tinha corrido muito bem. Após a realização da actividade o núcleo de estágio e o Sub-Departamento de Educação Física receberam um pequeno livro personalizado elaborado pelo J.I., com fotografias da actividade e desenhos feitos pelas crianças. Este aspecto demonstra que a actividade teve sucesso e cumpriu os objectivos. Foi também enviada pelo J.I. uma carta de agradecimento, pela realização da actividade, para o Conselho Geral e Conselho Pedagógico da escola.

Esta actividade contribui grandemente para a nossa formação devido a diversos aspectos. Foi necessário recolher uma série de informações sobre a temática de forma a adaptar os jogos às idades das crianças, tivemos contacto com diversos procedimentos a ter quando se realiza uma actividade deste tipo (ex.: marcação do transporte; autorizações; preenchimento de documentos para o Conselho Pedagógico), e aprendemos a realizá-los.

A actividade possibilitou-nos o contacto com alunos de uma faixa etária de certa forma desconhecida, permitindo-nos adquirir mais conhecimentos nesta área, embora o contacto tenha sido breve. Tendo em conta o objectivo geral da actividade, cumprimos com os objectivos, pois conseguimos colaborar com as educadoras do J.I., com a coordenadora dos cursos e duas professoras e também promover a cooperação e colaboração entre os cursos AFAC II e AAE com os restantes participantes. Conseguimos também compreender um pouco melhor como trabalha o jardim-de-infância, e de que forma podemos contribuir para a formação destas crianças no que diz respeito às actividades físicas e à fomentação do gosto pelas actividades físicas. E que este tipo de intervenções pode contribuir na fomentação do interesse e participação dos pais na vida escolar dos seus educandos.

Posso constatar que a abertura destes profissionais colaboradores e a sua prontidão à disponibilidade para este caso proporciona uma maior motivação e sentido de realização, pelo que melhora claramente a qualidade do trabalho pelo empenho que as pessoas despendem. À semelhança de outras áreas a relação entre docentes é fundamental para um indivíduo se sentir bem no seu local de trabalho e o realizar com gosto e qualidade.

No que diz respeito à identificação das principais características da turma, foi elaborado um estudo de caracterização da turma, que para o qual foi aplicado um questionário próprio da escola para recolher informações sobre os alunos, desde a identificação dos encarregados de educação (pai ou mãe), passando pelo número de retenções, a gostos das disciplinas, etc. É interessante constatar que apesar de ser uma turma pequena, existem grandes diferenças entre alunos como o meio de transporte utilizado para se deslocar para a escola ou a constituição do agregado familiar.

Foi também elaborada uma análise sobre as relações da turma. Para recolher estes dados foi utilizado um teste sociométrico que consistia em questões relacionadas com a escolha de colegas da turma em situação de trabalho, lazer e jogo desportivo. Este teste, à semelhança do questionário, foi aplicado na aula de formação cívica com o consentimento prévio da professora directora de turma, que me parece ser o local mais adequado para abordar questões relacionais. O tratamento destes dados revelou a existência de 4 alunos com níveis altos de rejeições e 3 alunos com níveis altos de preferências por parte dos colegas, dados que se podem revelar importantes quando intervimos junto dos alunos. Esta caracterização da turma foi entregue à professora directora de turma e colocada no dossier de turma para quando surgisse a necessidade de consulta.

Relativamente às actividades da direcção de turma, a minha intervenção baseou-se no acompanhamento activo das tarefas de professor director de turma, numa primeira fase como observador mas ganhando progressivamente mais relevo na intervenção. No caso da leccionação da Formação Cívica, por exemplo na apresentação de trabalhos dos alunos no formato powerpoint efectuei em conjunto com a professora directora de turma a apreciação crítica dos mesmos, o que me ajuda no desenvolvimento da minha competência de instrução e simultaneamente permite aos alunos duas opiniões de professores diferentes, estimulando neles a capacidade de seleccionar e relacionar informação.

Outras actividades relacionaram-se mais com a organização, pois procedi à organização dos documentos no dossier de turma, elaborei uma lista de contactos dos encarregados de educação, uma lista de autorizações para tomar um medicamento na escola, etc. Também tive contacto com o sistema informático, nomeadamente para o registo e justificação das faltas dos alunos. A minha intervenção também passou pelo acompanhamento na recepção aos encarregados de educação, na qual também revelei melhoria na intervenção comparando a 1ª com a 2ª etapa.

Através deste acompanhamento tomei conhecimento da carga do director de turma acarreta, e que desenvolve um grande leque de funções quer nas relações humanas com os alunos e encarregados de educação, quer nas extensas tarefas de secretariado, na organização do dossier, registo das faltas etc. As relações com a professora directora de turma foram bastante positivas e cordiais, pois tive a preocupação em respeitar as orientações do guia de estágio e de me mostrar sempre disponível para colaborar com a professora responsável, quer no sistema informático (ex: registo de faltas), como nas actividades de secretariado (ex: após reuniões do conselho de turma), entre outras. Procurando sempre realizar todas as tarefas de acordo com as orientações da professora, propondo por vezes algumas ideias que surgiam.

### Conclusão

Este ano de estágio revelou-se um ano no rico em experiências e competências adquiridas. Tive a oportunidade de conhecer várias pessoas muito diferentes e de provar diferentes métodos de trabalho, revelando-se assim como uma boa preparação para o futuro profissional que me aguarda.

Fico com a sensação que dei o meu contributo para a escola e a sua comunidade, quer através do estudo sobre as percepções de indisciplina, quer pela acção de animação socioeducativa, a qual foi integrada no projecto educativo da escola e bastante prezada pelos participantes, o que acarreta um sentimento extremamente recompensador. Também deixo o meu contributo através da minha relação com as pessoas, que foi sempre positiva ao longo do ano lectivo. Os alunos do 8ºF puderam experimentar este ano algumas actividades que até aqui não tinham tido oportunidade, como foi o caso da dança em aula conjunta com outra turma e abordarem o judo nas aulas, matéria que nunca tinham abordado das aulas de Educação Física.

Tomei consciência dos meus aspectos menos positivos, que terei que continuar a trabalhar e a desenvolver, assim como dei a auto-conhecer as características pessoais que me facilitam na concretização, com sucesso, de algumas actividades.

Após fazer esta análise ao meu percurso final desta fase de formação académica, sinto que aprendi muito e cresci, como futuro profissional da docência e de certeza que foi um grande passo para continuar a aprender assim que entrar na escola, não como professor-estagiário, mas sim como professor de Educação Física.

### Referências Bibliográficas

Amado, J. d. (1991). Indisciplina na sala de aula. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano 25 nº1, pp. 133-148.

Mosston, M. & Assworth, S. (2008). *Teaching Physical Education - First Online edition*.

Bragada, J. A. *Jogos Tradicionais e o desenvolvimento das capacidades motoras na escola*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

Educação, M. d. (s.d.). *Desporto Escolar: DGIDC*. Obtido em Outubro de 2010, de <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http://www.dgidc.min-edu.pt/>

Varela, M. M. (2002). *Estudo das percepções da gravidade de diversos incidentes disciplinase das recações mais ajustadas a esses comportamentos: comparação entre alunos e professores*. Tese de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana.



# ANEXOS

# Anexo I

## Anexo II

## Anexo III

## Anexo IV

## Anexo V

## Anexo VI